

negando, e com os meios dentro dessa sociedade pelos quais esperava realizar tais ideais. A prova, porém, de sua posição moral está no que ele escreveu e nas suposições subjacentes a cada linha de suas obras.

1. Marx é um moralista secular, um ateu que considera toda religião como uma fraude intelectual e armadilha política, outro meio de exploração, psíquico e material. A religião, como ele a vê, impede que os homens adquiram a plena consciência de si mesmos, de suas posições na sociedade e de seus verdadeiros interesses como homens. Os ideais de um humanismo radical, no qual o homem substitui Deus, acompanhados de uma paixão pela justiça humana [que lembra o Velho Testamento] — essas as molas principais da carreira de Marx como pensador e as bases morais para a sua denúncia do que considerava como efeitos degradantes, mutilantes, do capitalismo.

2. Marx é um pensador racionalista: “Exigir que os homens abandonem as ilusões sobre sua condição é exigir que uma condição que necessita de ilusões seja abandonada”. Não se pode negar, em sua consciência, que Marx tentou da melhor maneira colocar em prática esse lema durante toda a sua vida. Sua fé na razão humana e na liberdade como uma de suas condições e conseqüências — eis as fontes de sua energia moral, o eixo de seu pensamento, a chave de seu otimismo, a base de sua expectativa de que o tipo de homem no qual “o ser humano se perdeu a si mesmo” deve ser eliminado, que os homens devem chegar a sentir-se como seres realmente humanos.

3. Marx é total e coerentemente humanista. Uma imagem positiva do homem, do que o homem poderá ser, encontra-se sob cada linha de sua análise do que considerava como uma sociedade inumana. Sua concepção da “alienação” — sua análise da significação do trabalho sob o capitalismo — basta para revelar seu humanismo. Se assim não fôr, então precisamos considerar apenas sua análise dos efeitos difusos e corruptores de dinheiro como o supremo valor da sociedade capitalista. Na opinião de Marx, é porque os proletários estão assim abstraídos da humanidade, tão totalmente alienados de suas naturezas reais que lutam para emancipar-se e, ao mesmo tempo, emancipar a humanidade toda. Marx é radical no sentido literal, humanista, da palavra. Na verdade, até hoje, quem foi tão longe, sob tal aspecto? Ele queria eliminar todos os estereótipos ocupacionais: idealmente, o homem não devia dedi-

car-se a uma ocupação, mas a uma variedade de atividades. Sendo hoje um fragmento mutilado, o homem deve tornar-se “o indivíduo plenamente desenvolvido... para o qual as diferentes funções sociais que ele executa apenas são alguns modos de dar livre âmbito aos seus poderes naturais e aos adquiridos”.<sup>8</sup>

4. Marx acreditava na liberdade humana, em si mesma e como condição para o uso da razão do homem. Assim, condena ele uma “imprensa censurada” em termos paralelos à condenação feita por John Stuart Mill: ela leva à “hipocrisia, o maior dos vícios... o Govêrno ouve apenas sua própria voz... entrega-se à ilusão de que ouve a voz do povo... o povo, por sua vez, se deixa levar à superstição política ou à indiferença, e assim afasta-se totalmente da vida do Estado”. Repetidamente ele fala da “livre atividade dos homens”, defendendo-a.

No seu ideal de comunidade política, “a verdadeira democracia predomina e o próprio Estado desaparece, bem como todas as classes”. Seu ideal é “o reino da liberdade”, uma concepção pela qual aceita e leva avante a imagem da *polis* clássica. Escravos e senhores são “homens verdadeiros — homens em toda sua dignidade humana pessoal”.<sup>9</sup> Entre as tarefas a que Marx se dedicou continuamente destaca-se a revelação das condições concretas sob as quais essa liberdade seria uma autêntica realidade humana.

Marx assimilou esses ideais do clima intelectual liberal de sua época — mas com uma diferença. As bases morais de sua crítica da sociedade liberal são os ideais proclamados por aquela sociedade mesma — tomados a sério e concretizados. Ele aceita os ideais de liberdade e igualdade herdados do iluminismo do século XVIII; da burguesia ascendente de sua época, ele aceita as idéias racionalistas e otimistas do próprio progresso, recolocando-as nas profundezas da sociedade liberal.

<sup>8</sup> *Capital* (citado pela edição inglesa da Modern Library, Nova York, sem data), pág. 534.

<sup>9</sup> Para documentação dos ideais de Marx, ver especialmente *The Economic and Philosophical Manuscripts of 1844* (Moscou, 1959) [N. dos E.: publicado por esta editôra, nesta mesma coleção, em *Conceito Marxista do Homem*, de Erich Fromm]; *The German Ideology* (Nova York, 1947); e “Critique of the Gotha Program” em *Selected Works*, vol. II (Nova York, 1933); e os trechos reproduzidos no capítulo 3 deste volume.

MARXISMO

